

ETNOMATEMÁTICA COMO EXPRESSÃO DE TÁTICAS EDUCATIVAS

No período de 2011 a 2017 cursei a graduação em Pedagogia no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ) e durante essa trajetória realizei pesquisa de campo no Projeto de Extensão em Educação de Jovens e Adultos (PROEJA-ISERJ). Dessa experiência, originou-se meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que abarcava os anos iniciais do ensino fundamental. Pesquisei, junto aos educandos e aos educadores, a educação matemática.

Escolhi pensar a educação matemática, considerando a perspectiva da etnomatemática, principalmente por estar trabalhando com a modalidade da Educação de Jovens e adultos, justificando que os alunos da EJA, na sua maioria, foram “excluídos” por diversos fatores intra e extra-escolares das salas de aula. Pautei-me na ETNOMATEMÁTICA como metodologia a ser empregada junto a um currículo que dialogasse com os cotidianos do alunado, pois é capaz de aproximar as “culturas escolares” das “culturas do aluno”. Utilizei como referências as contribuições de Ubiratan D’Ambrósio e Paulo Freire.

Indivíduos e povos têm, ao longo de suas existências e ao longo da história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, instrumentos materiais e intelectuais [que chamo **ticas**] para explicar, entender, conhecer, aprender para saber e fazer [que chamo de **matema**] como resposta a necessidades de sobrevivência e de transcendência em diferentes ambientes naturais, sociais e culturais [que chamo de **etnos**] (D’AMBROSIO, 2009, p.60)

Hoje, após realizar outras leituras e conhecendo Michel de Certeau, proponho, neste artigo, fazer uma breve análise das Políticas Curriculares para EJA em consonância com a promulgação da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A BNCC traz em seu texto que

BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. [...] assim devem:

- selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc.;
- conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens. (BNCC, 2018).

A nova BNCC não traz um delineamento específico para as diversas modalidades da educação básica, na qual se inclui a EJA, com isso fica a cargo dos sistemas educacionais pensar esses componentes curriculares, bem como aos docentes as metodologias a serem utilizadas. Nesses espaços se dão as estratégias, que para Certeau são “lugares capazes de ser circunscritos como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (1990, p. 46).

Pensamos que no ambiente da sala de aula se dão as táticas nas relações docente-discentes, discentes-docente e discentes-discentes, “um cálculo que não pode contar com um próprio nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua,

fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância” (CERTEAU, 1990, p. 46).

Com isso acaba havendo um hiato entre o currículo proposto (estratégia) e o currículo praticado (tática),

[...] ao compreendermos os currículos como criações cotidianas dos praticantes pensantes das escolas, produzidas por meio dos usos singulares que fazem das normas e regras que lhe são dadas para consumo, num diálogo permanente entre essas diferentes instâncias, podemos supor que as redes de conhecimentos por eles tecidas dão origem a algumas práticas curriculares emancipatórias e são, também, fruto dos diversos modos de sua inserção social no mundo, inclusive no campo do embate político e ideológico que habita a sociedade e, portanto, as escolas e as políticas curriculares (OLIVEIRA, 2012, p.12).

Na experiência de pesquisa mencionada no início deste artigo, percebemos que muitos docentes utilizavam a etnomatemática, sem conhecê-la enquanto ciência e sem este nome aparecer nas políticas curriculares da instituição. Assim, era vivenciada como tática, nos cotidianos, para iniciar e prosseguir o movimento de alfabetização matemática.

REFERÊNCIAS:

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade. 3.ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. O currículo como criação cotidiana. Petrópolis: DP et Alit; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.